

## Os Nacionalistas Algarvios constituem um Bloco, pensando e agindo como um só homem

afirmou o Dr. MATOS PARREIRA numa interessante entrevista



Dr. João Matos Parreira

O sr. Dr. João Matos Parreira, nosso muito prezado amigo e ilustre presidente da Comissão Distrital da União Nacional, concedeu há dias ao «Diário da Manhã» uma muito interessante entrevista sobre o panorama político do nosso Distrito. Não só pela autoridade especial que ao entrevistado concedem as altas funções que desempenha, mas sobretudo pelas afirmações feitas, permitimo-nos arquivar aqui, com a devida vénia, algumas dessas afirmações:

«Quero que os meus amigos compartilhem da alegria que me causou o facto de ter verificado que os homens são desta província, consócios dos seus deveres para com a Nação, estão unidos como um só homem, em vigília permanente, dispostos a tudo sacrificar para que os loucos designios dos Sem-Deus e Sem-

### Um legado importante ao «Refúgio Aboim Ascensão»

A sr.ª D. Maria Julia Vanez Paula, que foi em vida mui devotada professora do ensino primário, legou, por seu falecimento recente, ao «Refúgio Aboim Ascensão», em Faro, com reserva de usufruto, a propriedade de uma morada de casas que possuía na Rua dos Celeiros daquela cidade.

VISADO PELA DELEGAÇÃO DE CENSURA EM FARO

*Pátria* jamais se possam cumprir.

«Visitei um concelho, conversei com a Comissão da U. N. sobre o meu delineado propósito de fazer a propaganda mais intensa, para que nenhum nacionalista, com direito a voto, deixasse de se inscrever nos cadernos eleitorais.

«Mas não havia um homem de boa vontade que, não estando já recenseado do antecedente, não tivesse tido o cuidado de se fazer inscrever agora. A mesma agradabilíssima surpresa me estava reservada em cada um dos restantes concelhos.

(Continua na página 4)



Lagôa — Uma vista parcial

## ELES...

Não nos enganámos quando, no nosso último número, dissemos que o pasquim clandestino que aí foi distribuído com apreciações e insultos e este jornal e ao Governo da Nação, embora anónimo, trazia em si a marca da casa e ao afirmarmos que os seus autores não passavam de agentes estrangeiros, abusiva e criminosamente a intrrometerem-se na vida portuguesa. As revelações—só sensacionais, afinal, para quem tenha andado com os olhos fechados por uma boa fé ingénua—há dias fei-

tas pelo nosso prezado colega «Diário da Manhã», que se baseou para elas nas afirmações da maior e mais incontestável autoridade sobre o assunto—o órgão oficial do Kominform, vieram demonstrar insufismavelmente que os escrevinhadores do pasquim, por aquilo que eles próprios disseram ser, são apenas assalariados dos agitadores de Belgrado, actuando às ordens dos ditadores de Moscovo.

E como o pasquim foi, incon-

(Continua na página 4)

## TERRAS DA NOSSA TERRA (3)

# VILA DE LAGÔA

Quem, seguindo pela estrada nacional de Vila Real de Santo António a Sagres, vindo dos lados de Albufeira, atravessa a pequena vila de Lagôa, sem nela se deter, não colhe, de facto, uma primeira impressão lá muito agradável: crê, sem dúvida, numa terra muito limpa, inexcitavelmente limpa, mesmo, mas nada bonita e pobre e, o que é pior, pobre com pretensões; tal é, realmente, a nota característica daquela longa rua alcatroada que é simultaneamente a estrada nacional e a nota que mais vivamente fere a retina numa visão fugaz daquele jardim sobre-comprido e orlado de buxos, que se estende entre um casario baixo e pobre à entrada da vila. No entanto, quem desça do carro na paragem das camionetas junto do hospital—edifício que, pelo seu porte e estilo se nos afigura logo discorde da primeira e rápida impressão colhida ao longo da estrada e nos parece,

até, deslocado em terra que assim se nos afigurou de tão pobre aspecto—e endireite, como no sítio se diz, à Igreja e ao seu jardimzinho garrido e alegre, muda imediatamente de opinião e, se conhecer o resto do Algarve conclue sem esforço que está não só na mais limpa, mas também numa das mais interessantes das pequenas vilas algarvias. Esta impressão, aliás, colhe logo à distância quem venha dos lados de Portimão, quando, ao dobrar uma curva da estrada, próximo de Lagôa, avista um trecho da vila, em plano mais elevado e sobrepujado pela Igreja Matriz, de porte e aspecto arquitectónicos agradáveis e mesmo cativantes, emoldurada num tufo de árvores ornamentais, que lhe dá mais graça e até beleza; tão interessante é, mesmo, essa visão que, depois, ao atravessar a vila sem sair da estrada nacional, custa a acreditar, ao viajero desprevenido que ali se não detenha, que de facto o quadro entrevisto pertence àquela terra.

(Continua na página 4)

## José dos Santos Rufino

Por sua vontade expressa, temos ocultado, nestas colunas, o nome daquele benemérito olhanense que, ausente durante mais de 45 anos desta sua e nossa terra e aqui tendo vindo recentemente de visita, quis, num nobre



José dos Santos Rufino

gesto de benemerência, auxiliar os seus conterrâneos necessitados, primeiro distribuindo pessoalmente, pelos bairros pobres da vila, cerca de duas dezenas de

(Continua na página 5)

## EGOS DA SOCIEDADE

DE LONGE...

## Aniversários

Fizeram anos, no dia 1, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Margarida Guerreiro Pontes e o menino Fernando de Sousa Uva; em 2, a sr.<sup>a</sup> D. Maria C. Gomes Mendonça Gomes Coelho; em 4, os srs. Justino Ferreira Chaves e Afonso Pereira de Assis; em 5, os srs. eng.<sup>o</sup> Sebastião Garcia Ramires e Dr. Lopo Vaz de Sampaio e Melo; em 6, a menina Tereza Maria Mendês de Sousa Uva e srs. Dr. João José Fero, eng.<sup>o</sup> Mário de Brito Soares e António Rodrigues, gerente da Fábrica Ramires, de Olhão.

## Partidas e Chegadas

Afim-de tratar de assuntos comerciais e aproveitando o ensejo para visitar sua família, partiu há dias para a Ilha da Madeira, o nosso conterrâneo e prezado assinante na América, sr. Manuel da Bôa.

Partiu para Lisboa, depois de ter passado as férias com seus pais, o sr. Joaquim José Baltazar, estudante na Faculdade de Medicina, filho do nosso prezado assinante e amigo sr. José Baltazar, industrial nesta vila.

## Jorge Maltieira

Em digressão pelo Algarve aonde veio colher temas para as suas interessantes aquarelas, tão notavelmente conhecidas pelos efeitos de perspectiva que lhe dão um caracter porventura único entre os artistas modernos do nosso país, passou em Olhão, em 29 e 30 de Março findo, o ilustre aquarelista Jorge Maltieira que da nossa estética vila cubista surpreendeu aspectos do mais curioso ineditismo.

Aproveitando o ensejo, teve o insigne artista ocasião de fazer visita ao seu e nosso amigo sr. Dr. Francisco Fernandes Lopes que, naturalmente, lhe serviu de cicerone na sua excursão artística através do panorama olhanense. Jorge Maltieira, que vinha do Barlavento Algarvio, seguiu para Tavira e Vila Real de Santo António donde retornará pelo Alentejo á sua casa em Guimarães.

## A Acção Cultural da Casa do Algarve

Prosseguindo na sua brilhante acção cultural realizou-se no passado dia 27 mais uma conferencia na Casa do Algarve. Foi conferente o médico hidrologista Dr. José Aboim Ascensão Contreiras, um dos organizadores da Casa da Algarve e seu grande amigo.

A subtileza do orador permitiu expôr com absoluto agrado um assunto que só uma minoria possui elementos de apreciação. Apesar disso o Dr. Ascensão Contreiras tratou o problema da «Posição hidrológica da Península e as fontes medicinais do Algarve» com tal simplicidade que prendeu do principio ao fim a atenção duma numerosa e selecta assistência.

Descreveu de um modo geral as águas termais do país e de uma maneira particular as fontes do Algarve, sitando Atalaia, Fonte Santa, Caldas de Monchique e outras ainda mal conhecidas por falta de exploração.

O conferente ao terminar o seu trabalho foi muito justamente aplaudido. A sessão foi presidida pelo sr. Dr. Amadeu Ferreira de Almeida, ladeado pelo sr. Coronel Leonel Vieira e Eng.<sup>o</sup> Benjamim de Mendonça.

## Uma carta da América

Do nosso conterrâneo Manuel Vaz, que há 21 anos reside em Freeport Texas, nos Estados Unidos da América do Norte, recebemos uma muito interessante e curiosa carta, com que quis ter a gentileza de acusar a recepção do nosso jornal e da qual — a pesar de certos cavalheiros que por aí andam escondidos no anonimato de papeis clandestinos não gostarem de que aqui estampemos a opinião dos olhanenses que no estrangeiro ganham o pão honradamente sem atraiçoarem a terra onde nasceram —, da qual temos muita honra e muito prazer em transcrever alguns passos. Diz o nosso prezado assinante e correspondente:

«Acabo de receber uma das edições do seu semanário regionalista «Correio Olhanense» e muito me prezo em manifestar-lhe a alegria que me deu recebê-la, agradecendo imenso ao incognito amigo que forneceu o meu nome e endereço para que eu, aqui, separado pela distância e pelos anos de ausência (21, para ser exacto) tivesse a alegria de saber notícias de todos e de tudo que há tantos anos aí deixei para vir para a América.

«Criam-se hábitos, muda-se de nacionalidade até, a nossa propria personalidade muda com os anos e com o ambiente, a lei da adaptação ao meio apodera-se de nós, mas o bêrço natal nunca muda, nunca esquece; está sempre representado na nossa imaginação, ao ponto de que uma pequenina lembrança, como esta, nos faz logo sentir orgulhosos de sermos portugueses.»

Mais adiante—cá vai outra facada nos homens dos papeis clandestinos— diz o sr. Manuel Vaz, na sua carta:

«Gostei muito da entrevista entre o amigo e sr. João Manita e o Reporter Gentil e fôra eu o entrevistado, teria dito as mesmas palavras, pois sinto da mesma forma que êle. Mais força a Carmona e Salazar são também os meus votos sinceros. E como fui soldado ainda em tempo de servir sob o comando de Carmona, não dou por perdido o tempo que gastei a ajudar uma Revolução que só trouxe o bem da Nação.»

Outro passo da mesma carta:

«Gostava de ver o progresso que Olhão tem feito nestes últimos 21 anos da minha ausência, assim como os numerosos amigos, da «nova e velha guarda» que deixei por aí. Para aqui viemos e aparentemente temo-nos esquecido de tudo e de todos, mas não é tanto assim: dentro de nós vive a saudade da Pátria e dos amigos que nos são queridos, a família e a recordação de tudo o que fomos e que nação, fortuna ou glória al-

guma, neste mundo, nos pode fazer esquecer.»

Uma referência saudosa ao Sporting Clube Olhanense e aos seus antigos dirigentes:

«Como antigo sócio e entusiasta do Sporting Olhanense não podia deixar de gostar das boas notícias do seu empate de 3 3 com o Benfica. O grande amigo Cândido Ventura, o criador do Olhanense, aonde quer que esteja, decerto que se sentirá orgulhoso ao ler tais notícias.»

A findar:

«Escusado será dizer-lhe que li o seu jornal de ponta a ponta, para que me não escapasse nada, sempre procurando por nomes de amigos cuja recordação me é grata; e não foi em vão, vi coroados os meus esforços de exito, porque muitos foram os nomes de amigos certos que encontrei nas páginas da sua publicação.»

O director dêste jornal, a quem pessoalmente a carta foi dirigida, não conhece o sr. Manuel Vaz ou, pelo menos, dêle não se recorda, nem aquele sr., pelo que deduzimos do teor da sua carta, o conhece pessoalmente: o jornal foi-lhe enviado, como a tantos outros olhanenses espalhados pelo mundo e o seu endereço foi obtido, como os outros, por indicação de qualquer pessoa amiga quando, de indagação em indagação, procurávamos obter os dos nossos conterrâneos ausentes no estrangeiro. Por isso a carta que acima transcrevemos os passos principais, tem para nós um significado e um valor muito especial, que transcende as proprias afirmações nela feitas; é que, se outros merecimentos o «Correio Olhanense» não tiver, tem pelo menos êste: o de levar aos olhanenses que se encontram longe, notícias da sua terra, avivando a sua saudade sem dúvida, mas mantendo-os prêzos mais intimamente à terra onde nasceram e à Pátria a que pertencem.

## Liceu de Faro

Especialmente a isso autorizados pelo sr. Engenheiro Administrador-Delegado da Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário, publicaremos no próximo número uma larga reportagem gráfica e noticiosa sobre o novo edificio do Liceu Nacional de Faro, que, como noticiámos já, será inaugurado no próximo dia 28 de Maio. A nossa reportagem será, assim, a primeira que qualquer jornal publica sobre aquele modernissimo edificio, que bem merece ser conhecido de todos os algarvios. Não podemos, todavia, deixar desde já de agradecer ao sr. Engenheiro Lencastre e Távora, a magnífica oportunidade que quiz ter a amabilidade de proporcionar-nos para a publicação desta reportagem.

## O edificio dos C. T. T. de Olhão

Em resposta à pergunta que formulámos no nosso número de 12 de Fevereiro sobre quando se começava a construir o edificio dos Correios desta vila, recebemos da Administração Geral dos C. T. T., pelas vias competentes, uma informação, datada de 24 de Março findo, segundo a qual «o assunto está sendo objecto do necessário estudo, tendo em vista a possibilidade de, em breve, se conseguir a devida solução.»

No nosso número de 18 de Março, porém, já o «Correio Olhanense» dissera aos seus leitores, por amável informação do sr. Presidente da Câmara Municipal dêsta vila, que a colheira do sr. Engenheiro Delegado da Direcção Geral dos E. e Monumentos Nacionais, que o assunto ia ser, finalmente solucionado, abrindo-se o concurso para as respectivas obras.

No entanto, não queremos deixar de salientar aqui o facto, não só para agradecermos à Administração Geral a informação prestada para elucidação dos nossos leitores, mas também por que êle nos permite demonstrar a certos insatisfeitos e a certos detractores que, afinal, bem ao contrário do que dizem, os organismos officiais dêste País não deixam nunca sem resposta as justas reclamações que lhes são apresentadas.

## «O ALGARVE»

Completo, há dias, 40 anos de existência, o nosso colega «O Algarve», que se publica em Faro, sob a direcção do sr. Ferreira da Silva. Ao nosso prezado colega, que é o decano dos jornais algarvios, e ao seu ilustre director, que é igualmente o decano dos jornalistas da nossa provincia, apresentamos os nossos cumprimentos, com os votos sinceros de que continuem ambos por muitos anos a desempenhar a sua missão com êxito igual ao até aqui conseguido.

## Justiça da Nação

«Indiferentes à inferioridade insensata e maldosa, certos de que a alma da Nação nunca recusará a justiça a quem verdadeiramente a serve, continuaremos a desenvolver esta obra, obra de militares e engenheiros, modelada por grandes architectos da cultura nas Ciências, nas Artes e nas Letras, sabiamente dirigida por um português de eleição e acarinhada e orgulhosamente estremecida por um militar que é em si o símbolo das mais excelsas virtudes lusitanas.»

Ten.-Cor. SANTOS COSTA

ANUNCIAI NO

«CORREIO OLHANENSE»

## RESPIGOS do «Diário do Governo»

Precedendo concurso, foi nomeado professor efectivo do 3.º grupo do Liceu de Santarem, o sr. Dr. José Luiz Belchior Júnior que desempenhava as mesmas funções no Liceu de Faro.

—Foi transferido, a seu pedido, para chefiar a 1.ª secção da secretaria judicial da comarca de Ponta do Sol, o sr. Henrique Waldemar de Freitas, chefe da secção de processos da comarca de Vila Real de Santo António.

—Foi nomeado chefe da estação postal da Fuzeta, o operador da mesma estação, sr. José Leal Alambre Valoroso.

—Foi nomeado, interinamente, chefe da secção de processos da comarca de Tavira, o sr. Humberto Aleixo Ferreira, escriturário da secretaria judicial desta comarca.

—Foi nomeado director da secretaria notarial de Loulé, o sr. Dr. José Joaquim Soares.

—A sr.ª professora D. Maria Helena Centeno Lopes, recentemente promovida no quadro geral, foi considerada em comissão de serviço na escola da sede do concelho de Olhão.

## Grandes Jogos Florais Alentejanos

Organizados pelo orfeão de Extremoz «Tomaz Alcaide» e pelo semanário «Brados do Alentejo», vão realizar-se dentro em breve, em Extremoz, grandes Jogos Florais do maior alcance literário-regionalista. O concurso compreende as seguintes classes literárias: A) Poesia; B) Teatro; C) Prosa.

A classe A compreende:

- 1— Poesia lírica de exaltação ao Alentejo;
- 2— Poesia de conceito moral.
- b) 1— Soneto subscripto por homem;
- 2— Soneto subscripto por senhora.
- c) — Quadra Popular.

A classe B compreende:

- a) — Quadros históricos sobre Extremoz;
- b) — Quadros históricos sobre o Alentejo;
- c) — Peça musicada em 1 acto de assunto regionalista-alentejano.

A classe C compreende:

- a) — Novela;
- b) — Reportagem;
- c) — Descrição monográfica de um trabalho agrícola.

Em todas estas categorias se deve ter em atenção que os assuntos a versar devem ser na sua essência, referentes ao Alentejo.

E' intenção dos organizadores prestar homenagem aos seguintes grandes vultos do Alentejo, atribuindo os seus nomes ao primeira prémio de cada categoria estabelecida no plano acima: *Conde de Monsaraz, Curvo Semedo, António Sardinha, José Duro, Florbela Espanca, Rainha Santa Isabel, Gabriel Pereira, Alfredo Cortês, El-rei D. João IV, Fialho de Almeida, Lourenço Caiola e Silva Picão.*

# Olhão, terra de monumentos infelizes

Olhão, dizem, é a mais típica e inconfundível terra algarvia. Terra de tradições, das quais nos apraz lembrar algumas: terra de soteias (como um nosso conterrâneo, o sr. Dr. Fernandes Lopes, escreve e os olhanenses pronunciam, e não «açoteias» como alguns escritores fazem); terra de ousados navegantes; terra de formosas mulheres; terra de afamados futebolistas; terra de animados e constantes bailes e terra de... monumentos infelizes.

E, sendo nosso propósito focar esta ultima, lembraremos ainda que, contando Olhão dois monumentos, excepto ao que em especial nos vamos referir, eles são tidos pela população como não correspondendo artisticamente ao que a nossa terra desejava, pois embora glorifiquem olhanenses ilustres, são inferiores na sua concepção. E pormenorizemos: um, o que comemora os heróis olhanenses que expulsaram os soldados de Junot do solo pátrio e levaram a «boa nova» a D. João VI, refugiado então no Brasil, alem de ser de diminutas proporções em relação ao Largo da Restauração, especialmente olhando-o na posição que tenha por fundo a nossa Igreja Matriz, apaga-se pela sua pequenez, é de traço vulgar, estandardizada e incaracterístico para a façanha que se quiz perpetuar, sómente estentando o Escudo das Quinas, embora o tambem nosso conterrâneo, sr. Dr. Alberto Iria, numa plaquette-biográfica dos mareantes do «Bom Sucesso», nos diga que o referido monumento está por acabar, pois teria a encima-lo um caique.

O outro monumento é o que perpétua a memoria do autor de «O Meu Algarve», desequilibrado nas suas proporções escultóricas e que merecem repáros, no próprio acto da inauguração, a um distinto e culto Olhanense, quando leu o seu discurso de glorificação ao Poeta.

## Notícias Desportivas

Da Associação de Futebol de Faro recebemos o seguinte comunicado:

**Taxa de filiação**—Encontra-se a pagamento a taxa de filiação referente ao ano de 1948. O seu custo é de 50\$00.

**Impressos**—Os clubes que requisitaram impressos para inscrição de jogadores, devem enviar á tesouraria desta Associação as importâncias que lhes dizem respeito.

O custo de cada impresso é de Esc. 2\$00.

**Campeonato Distrital**—Como os clubes concorrentes não deram ainda andamento ao pedido de legalização das inscrições dos seus jogadores, continúa suspensa a disputa da prova em rubrica.

**Árbitros**—Os clubes que ainda não indicaram os árbitros para o respectivo quadro, devem fazê-lo sem demora, fazendo acompanhar cada inscrição de 2 fotografias tipo-passe.

a) **Abilio Gouveia**  
(Secretário Geral)

E agora o terceiro monumento infeliz é o Padrão levantado no Bairro Economico, quando das Comemorações Centenárias de 1940.

E expliquemos porquê. A exemplo do que se fez por esse País fóra. Olhão levantou tambem o seu monumento comemorativo, mas compreendeu mal o seu significado: primeiro, porque um padrão comemorativo é um «documento para a História», e, neste caso, seria de pedra autentica, de materiais colhidos na região, para melhor feição do arreigamento pátrio e até regionalista, embora os materiais fossem de qualidade grosseira, mas em todo o caso MATERIAL VERDADEIRO, pois a História tem de ser verdadeira no seu todo, não admitindo portanto equívocos, em contraste com o infeliz monumento levantado, que é de cimento, mascarado de marmore por uma escaiola barata! Segundo, e este é o ponto mais importante, o dito padrão está coxo no seu significado, pois nos oito séculos que a Nação comemorou em 1940, glorificou-se a FE' E O IMPE'RIO e, dentro deste espirito, emanado da Comissão de Honra, a que presidiu o imminente escritor Dr. Julio Dantas, altissima figura das letras pátrias, êle omite a glorificação da Patria, o Escudo das Quinas, sendo oportuno lembrar que já quando os nossos Navegadores, na época das Descobertas, aportavam a terras desconhecidas, faziam levantar Padrões comemorativos, mas SEMPRE simbolizando a FE' E O IMPE'RIO, ou seja: um obelisco tendo no alto o ESCUDO DAS QUINAS, encimado pelo SIMBOLO DA FE'.

Porque não havemos nós, pois, julgando interpretar a vontade duma parte dos olhanenses, os que se interessam por estas coisas, fazê-lo substituir por um padrão condigno e o mais possível artistico, e reintegrá-los assim na sua verdade histórica e material?

Os olhanenses que se pronunciam, portanto. E é oportuno lembrar neste momento que Olhão é berço dum escultor distinto e laureado, o sr. João Rebello Junior, actualmente exercendo o seu magistério oficial, numa Escola Industrial de Lisboa, sr., que, por informações que temos, estaria disposto a traçar uma obra de arte para a sua e nossa terra, senão inteiramente alheio a retribuição pecuniária, uma compensação modesta lhe bastaria, dado o verdadeiro carinho que vota a Olhão.

Zé da Barreta

## «CORREIO OLHANENSE»

Preço de Assinaturas

Portugal e Colónias (Trim.) 13\$00  
Estrangeiro (Semestre). . . 45\$00

## Notícias Breves

● O valor total da pesca da sardinha nos diversos centros do País, durante o passado mês de Janeiro, foi de 13.251 contos.

● Em 1947, a indústria da Madeira exportou 142 mil quilos de bordados para o estrangeiro.

● E' de 237.300 contos a verba que, pelo Ministério das Comunicações, vai ser gasta em 1948 em obras de reconstrução económica.

● Em 1947, Portugal importou 7.608.020 contos de mercadorias diversas e exportou 4.243.123 contos.

● Em 1947, não contando com as exportações feitas pelos portos do Algarve e das Ilhas Adjacentes, Portugal exportou 7.600 toneladas de frutos verdes e secos e produtos hortícolas.

● O Estado vai gastar 730.000 contos em renovação da rede ferroviária do País, destinando 400 mil contos a material de via, 140 mil a carruagens e auto-motoras e 120 mil a material de tracção.

## Livros Novos

«SALAMMBÔ», de G. Flaubert

«Salambô», de Flaubert, como «O Fogo», de d'Annunzio, pertence à categoria dos romances imortais. Obra sempre actual, pode dizer-se que foi a melhor produzida pelo grande escritor francês, o nunca esquecido autor de «Madame Bovary». Para escrever «Salambô», Flaubert visitou os locais onde se desenrola a acção do romance— a extinta Cartago—consultou vasta documentação e estudou os monumentos que lhe podiam fornecer indicações acertadas sobre a vida e os costumes faustos dos cartagineses.

O tema é a famosa guerra dos mercenários que ia arruinando o poderoso império mediterrânico. Descontentes com a República, aqueles revoltaram-se sob o comando do líbio Mathô, de Spendius e Nari'Havas. Cercam Cartago, Mathô, gigante soberbo e grosseiro e Nari'Havas, figura vesga e pérfida, amam a bela Salambô, filha de Amilcar e jovem sacerdotiza de Tanit. Mathô penetra de surpresa na cidade e rouba o veu misterioso da deusa que estava á guarda de Salambô. E assim acaba-se a fortuna de Cartago. Um sacerdote intima então Salambô a reaver o veu e ela vai á tenda de Mathô e sacrificando a sua pureza obtem o veu sagrado. Os mercenários são vencidos e o líbio sofre os suplícios mais atrozes aos olhos da voluptuosa filha de Amilcar a qual morre de dor.

Quando da publicação do romance, alguns críticos ousaram apontar-lhe defeitos, mas Flaubert saiu em defesa da sua obra, argumentando: «eu quis fixar uma miragem aplicando á Antiguidade os processos do romance moderno» e conseguiu-o de facto. O estilo é admirável de colorido e de energia dramática e o tradutor soube-se haver de sorte a conservar toda a beleza original da obra. Deste romance, que está traduzido em todas as línguas, extraiu-se uma ópera com o mesmo titulo que foi representada pela primeira vez em Bruxelas.

A edição é da Editorial Minerva e foi incluída na sua colecção económica.

## ELES...

(Conclusão da página 1)

testavelmente, redigido nessa vila ou pelo menos com informações e indicações daqui fornecidas, só podemos chegar à conclusão, ou melhor, à plena certeza daquilo de que há muito suspeitávamos: de que nesta vila há, de facto e sem qualquer de dúvida, vendidos e traidores, agindo na sombra, explorando as ansiedades de alguns, as necessidades de muitos e a boa fé de quasi todos em proveito exclusivo de estrangeiros e em detrimento da independência e da soberania portuguesas.

Podem, portanto, nesta nossa terra, continuar a dizer agora certos senhores que são apenas filiados, aderentes ou simpatizantes do M. U. D. e do M. U. D. Juvenil ou apenas... anti-fascistas, que já os não acreditamos, que já os não podemos acreditar: foi o próprio órgão oficial do Kominform quem disse ao mundo inteiro que o M. U. D. e por eles próprios chamado movimento anti facista português se organizou e agiu e age apenas por determinação e às ordens da organização comunista internacional e nada teve nem tem de espontaneo e de nacional; já os não acreditamos, a menos que esses senhores demonstrem imediatamente a sua boa fé, demonstrem que foram iludidos, dizendo-o publicamente e renegando toda e qualquer espécie de solidariedade com tal organização, alás clandestina, e com os seus agentes e representantes.

E aqui fica o aviso ao bom povo de Olhão, para que se precavenga contra as palavras bonitas de certos cavalheiros, que por aí lhe segredam insídias contra os governantes do País e lhe prometem paraízos como fruto de uma problemática vitória dos seus (seus?!!!...) ideais (ideais?!!!...) e que, afinal, só se querem dele utilizar para servirem os estrangeiros que lhes pagam a traição; aqui fica o aviso também aos não concordantes honestos e probos e leais (que os há igualmente, graças a Deus, nesta terra) com pormenores da actuação politica e até da doutrina do Estado Novo e que não se venderam ao estrangeiro, para que a tempo possam verificar e penitenciar-se do lôgro em que caíram aceitando a solidariedade do M. U. D. e a tempo possam fugir de tão pouco dignificante companhia, formando na frente nacional contra a anti-Nação.

Este Jornal—disse-se no primeiro número—fez-se principalmente para defender os interesses olhanenses, embora enquadrando-os sempre nos interesses nacionais; o aviso que aí fica ao povo de Olhão não foge nem atraiçoa esse programa, embora alguns decertos a vão agora afirmar e querer demonstrar e antes apenas o cumpre com todo o rigor: defendendo o povo desta

## TERRAS DA NOSSA TERRA (3)

# Vila de Lagôa

(Conclusão da página 1)

Lagôa é, na realidade, muito diferente daquilo que a sua estrada-rua deixa antever: não muito grande, limitada a uma dúzia de ruas bem conservadas e limpas, graças ao esforço do seu municipio, que soube também aproveitar com arte e gosto todos os recantos para dar à terra a presença higiênica e estética do maior número possível de espaços ajardinados, tem um ar alegre e saudavel, ar acolhedor e hospitaleiro, não de abastança, mas apenas de remedeio que se sente satisfeito na vida e gosta de partilhar com os outros o pouco que



Lagôa—Jardim junto ao Largo 5 de Outubro

lhes sobra da satisfação das suas medianas necessidades. Terra de gente de trabalho, que o parco movimento normal das suas ruas e praças outra coisa não inculca; terra de gente honesta e ordeira igualmente, que o quasi nulo trabalho do serviço policial do municipio assim o mostra; terra de gente pacata, que a inexistencia de centros de diversões e a relativamente pouca frequencia do pequeno café e do interessante cinema como tal a apresenta; mas também terra de gente alegre, de gente satisfeita com a vida, de gente amiga e acolhedora, talvez porque se formou com trabalho e luta e com luta e trabalho tem continuado a manter-se e a progredir. Sim, porque, digam o que disserem

terra contra os que, tendo-se vendido já ao estrangeiro, e querem também vender a ele, só defendemos os seus interesses, porque defendemos a sua liberdade!

e façam o que fizerem certos filosofos de nome universal ou apenas de trazer por casa, a única coisa que pode dar alegria de viver e plena satisfação é uma consciência tranquila e o trabalho e luta pela existencia; e Lagôa, que tirou o seu nome, segundo reza a tradição, dos pântanos ou de uma lagôa pantanosa que no lugar existia, fez-se o que hoje é transformando um sitio insalubre e despovoado, onde os vizinhos ocorriam apenas na época da caça em procura de aves aquáticas, à custa de luta contra a insalubridade do sitio, à custa de trabalho árduo e persistente para sanear o local.

Lagôa, não sendo uma vila muito antiga, também não é muito moderna, pois o seu foral, que lhe foi dado por D. João V, data de 16 de Janeiro de 1713 e antes dele já a terra tinha certo desenvolvimento e importância; no entanto, nada ali existe hoje que recorde a sua antiguidade e até a relativa importância de que disfrutou. O terramoto de 1755 e o incendio que provocou destruíram a vila quasi totalmente e dizem as pessoas velhas da terra, por o terem ouvido aos seus avós, que apenas cinco casas ficaram de pé; a Igreja Matriz, essa sabe-se com certeza que teve de ser totalmente reconstruída, só ali existindo hoje, da traça primitiva, os restos de um postal nas trazeiras do templo, sob a terra. E

talvez isto, afinal, explique o ar alegre e prazenteiro que Lagôa hoje nos mostra: é a alegria própria de quem confia cegamente no futuro, por saber que ele, como o foi o passado e é o presente, será o que construir com o seu trabalho honesto e persistente e até... por já se ter visto renascer uma vez das próprias cinzas.

### Uma oferta para a Igreja de Nossa Senhora da Soledade

O sr. Pedro Morgado, comerciante em Lisboa, natural de Olhão, estando há dias nesta vila, de visita a sua família, deixou a uma sua sobrinha a importância de 500.000 para serem aplicados em obras de beneficência para a igreja.

Esta sr.<sup>a</sup> tomou a feliz iniciativa de formar uma comissão de senhoras desta vila e outras de Faro, de oferecer um lustre para a igreja de Nossa Senhora da

## Os Nacionalistas Algarvios

(Conclusão da página 1)

«—Podemos então afirmar que os nacionalistas algarvios constituem um bloco, pensando e agindo como um só homem?—interrogámos.

«—Podem, sim senhor, porque uma ou outra discórdia que aqui ou além possa surgir, entre a massa nacionalista, em nada há-de beneficiar o inimigo que nos espereita. Afinal, essas pequenas divergencias só se podem dar num ou noutro ponto de pormenor.

«No que é fundamental, todos estamos de acordo. E quasi sempre—se não sempre—as faladas divergencias resultam de cada um disputar, com decidido entusiasmo, a honra de ser o melhor colaborador dos Chefes! No dia em que se tornar necessário enfrentar o inimigo comum, no campo eleitoral ou noutro qualquer, os nacionalistas algarvios terão a oportunidade de mostrar, sem olhar aos perigos e incertezas da luta, a sua sinceridade, a sua dedicação aos principios que defendem e aos gloriosos Chefes que servem. Creio firmemente que todos cumprirão o seu dever.

«—Pensa que a propaganda da U. N. pode trazer mais elementos valiosos para o nosso lado?

«—Creio. Temos, é certo, a grande maioria da Nação connosco. Há ainda, todavia, quem aparente indiferença e se diga neutro.

«Aqueles que, por timidez, saudosismo ou ainda por fantasia livresca, se dizem insatisfeitos, serão bem vindos nas nossas sessões de propaganda, que em breve serão realizadas em todos os concelhos do Distrito. Talvez que a palavra sincera e entusiastica dos queridos camaradas que desinteressadamente ali se farão ouvir os desperte e anime.

«Na U. N. cabem todos os portugueses, mas entenda-se, os portugueses dignos de tal nome. A ninguém se perguntou ou pergunta onde veio; todavia não tem cá lugar quem não souber para onde vai... Não se considerem os convites feitos aos algarvios para colaborarem connosco, filiados da U. N., como uma manifestação de fraqueza, mas antes como o desejo sincero de fazer partilhar um maior numero da honra e glória de colaborar na gigantesca obra da Revolução, cujos benéficos frutos têm causado no Mundo a maior admiração.»

Soledade e para isso conseguiram a importância de 2.500.000. Pedem-nos as senhoras encarregadas do peditório que agradeçamos a todos aqueles que contribuíram para a realização daquela oferta, o que fazemos com muito gôsto.

## José dos Santos Rufino

(Conclusão da página 1)

contos, depois entregando neste jornal vinte e cinco contos para serem distribuídos pela forma que oportunamente indicámos e, finalmente, oferecendo 50 contos para servirem de fundo inicial a construção duma creche, destinada a filhos de Olhanenses pobres.

Continuamos a não estar autorizados a revelar o seu nome; mas porque alguns jornais lisboetas, utilizando informações dos seus correspondentes nesta vila, o indicaram já com os encómios a que tem juz, decerto o nosso benemérito conterrâneo e prezado amigo nos perdoará que, hoje, o inscrevamos também nestas colunas, indicando-o aos nossos leitores e amigos e sobretudo divulgando-o entre os beneficiários do seu nobre gesto.

O nosso conterrâneo que teve tão larga e inusitada atitude de benemerência foi o sr. José dos Santos Rufino, que desta vila saiu há quasi 50 anos, menino e moço e um pouco à aventura, para terras da nossa colónia africana de Moçambique e ali, mercê da sua honestidade e do seu espírito empreendedor, em quasi meio século de trabalho árduo, alcançou uma elevada posição como comerciante e industrial, hoje sem duvida alguma dos mais importantes de Lourenço Marques. A êste olhanense, exilado pelas contingências da vida em terras africanas, deve Olhão, não só o auxilio aos seus pobres que acaba de prestar-lhe, mas ainda um carinho, uma devoção e uma saude de todos os dias, bem patente, por exemplo, na sua «Vila Algarve», de Lourenço Marques, em «estilo» Olhanense e ornada de lindos painéis de azulejos com motivos desta vila; e deve a própria colónia de Moçambique, além do contributo dado à sua economia por um grande e honesto labor comercial e industrial, a mais bela, elucidativa e eloquente obra de divulgação das suas riquezas e belezas, que é sem duvida o formoso album «Moçambique», em vários volumes, que José dos Santos Rufino editou, salvo êrro, por ocasião da Exposição Colonial do Pôrto e que na mesma, se bem nos recorda, foi muito justamente premiado: obra impressa pelos mais modernos processos e com legendas em várias linguas é hoje, ainda, o maior e mais belo trabalho do seu género que se tem publicado sobre as colónias portuguesas.

Ao divulgarmos o nome dêste benemérito olhanense, fazemos mais uma vez votos sinceros para qua o seu magnifico exemplo por si fique e a sua ultima dádiva, os 50 contos para fundo inicial de uma creche, não fique inaproveitado por falta de que os nossos conterrâneos que o podem fazer, a êle se associem contribuindo com o que falta para que o seu sonho se converta em realidade.

## ESTUDOS HISTÓRICOS (3)

# O Compromisso Marítimo da Vila de Olhão da Restauração

(Subsídios para a sua história e inventário do seu cartório)

pelo Dr. Joaquim Alberto Iria

## INTRODUÇÃO

(Continuação do número anterior)

Tivemos então oportunidade de fazer referêcia a um documento ainda inédito e que, em outro lugar dêste estudo, reproduzimos na íntegra; é a importante carta régia de 11 de Fevereiro de 1814, pela qual D. João VI concedeu importantes privilégios aos Compromissos Marítimos do Algarve. (10)

Têm os estatutos destas corporações sofrido algumas alterações com o rolar dos séculos, embora tenham naturalmente conservado, na sua essência, a espiritual e altruística finalidade dos primitivos *Compromissos*.

Nota-se igualmente que, a partir das últimas décadas do século XV e princípios do século seguinte, os *Compromissos* tendem a uniformizar a sua vida administrativa, uniformização que se acentua na primeira metade do século XVIII e se reflete ainda nos modernos estatutos dos finais do século passado e nos do princípio do presente.

Simultaneamente os monarcas vão concedendo ás novas corporações, desmembradas de outras mais antigas, os mesmos privilégios e isenções destas, como sucedeu, por exemplo, aos Compromissos de Ferragudo e de Olhão, respectivamente desmembrados dos de Portimão e Faro, e, mais modernamente, ao Compromisso da Fuzeta que, em 1825, se separou do de Tavira. (11)

Ao Compromisso de Portimão, por exemplo, cuja instituição se aponta como efectuada após a conquista de Ceuta, tinham já sido concedidos os mesmos privilégios e regalias de que gosavam os mareantes de Lagos, por carta régia de 11 de Outubro de 1497, (12)

(10) Arquivo Histórico Militar, *Secção da Guerra Peninsular*, (Sec. XIV) Cx. 197, documento intitulado: — «*Graças com que Sua Alteza Real O Príncipe Regente Nosso Senhor se Dignou attender, por Sua Carta Regia em data de 11 de Fevereiro de 1814, os Mareantes do Reino do Algarve, tendo consideração ao que os mesmos representarão, e aos distintos serviços que muitos delles praticarão no movimento da feliz Restauração do Reino*».

(11) Cf. *Corografia do Reino do Algarve*, Lix.º 1841, p. 371.

(12) Cf. GONÇALVES VIEIRA, *Memoria Menographica de Vila Nova de Portimão*, Pôrto, 1911, p. 80.

(Continua no próximo número)

## PEUGEOT 202

Em estado impecável, vende-se ou troca-se por Fiat 500 ou 1.100. Preço de ocasião.

Informa no Stand Imperial — O L H Ã O

## ACTIVIDADES

### Culturais e Recreativas na Casa do Algarve em Lisboa

A Casa da nossa provincia em Lisboa tem levado a efeito, ultimamente, e desde a sua feliz reorganização, interessantes festas e serões culturais de valor. A juntar às já realizadas temos a acrescentar o seguinte programa para o mês de Abril:

Dia 11, às 16 horas—Tarde Algarvia; dia 12, às 21,30 horas —Conferência na Sociedade de Geografia pelo sr. Dr. Amadeu Ferreira de Almeida, subordinada ao tema «O Marquês de Soveral em Londres»; dia 17, às 22 horas—Conferência pela Ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Lidia Serras Pereira, «Como se faz uma quadra»; dia 24, às 22 horas—Conferência pelo sr. Dr. Guilherme Pereira da Rosa, Subdirector do nosso collega de Lisboa «O Século», que falará sobre um assunto de grande interesse para o Algarve.

## Poetas Algarvios

### Serão Cultural na Recreativa Progresso Olhanense

No próximo dia 13, no vasto salão da Sociedade Recreativa Progresso Olhanense, para tal fim espontaneamente cedido, realizar-se-à um serão cultural dedicado aos poetas algarvios. Será conferente o distinto poeta, nosso comprovinciano, sr. João Manuel Mascarenhas, que a convite do sr. Dr. Francisco Fernandes Lopes, gentilmente se prestou a repetir aqui a conferência-recital que, com tanto brilho, levava a efeito em Lisboa, no Museu João de Deus, há cerca de um ano.

Para esta sessão consideram-se, por este meio convidados, além dos sócios daquela organização, todas as pessoas que em Olhão tiverem interesse por manifestações culturais dêste teor. O serão deverá começar pelas 21,30 horas.

## APARECEU BIQUEIRÃO

Os pescadores de sacadas desta vila tiveram no dia 2 o seu primeiro dia feliz desta época piscatória, pescando e trazendo para a lota, biqueirão no valor apróximado de 300 contos. Regozijamo-nos com o facto, tanto mais que os «contemplados» são na sua maioria gente pobre que vive apenas da faina do mar.

## Lusitano, 2-Belenenses, 1

Conclusão da 8.<sup>a</sup> página

vir com dificuldade para frustrar as intenções de Teixeira da Silva. Numa descida ao campo dos lisboetas, Sabino chuta sem convicção para fóra. O Belenenses está actuando com calma e evidenciando mais superioridade técnica, embora Izaurindo se não tenha ainda visto em dificuldades. Depois dos 10 minutos iniciais o Lusitano aparece ao ataque com mais insistência e começam a notar-se irregularidades da parte de Vasco.

Aos 16 minutos o Belenenses vê-se forçado a conceder canto; João Vasques marca o castigo e a bola, levada pelo vento, entra directamente; Serafim, dentro das rêdes, afasta a bola mas o árbitro assinala golo e muito bem. Os algarvios, animados com o prémio do seu esforço, atacam com entusiasmo e perto da meia hora o Belenenses esteve prestes a sofrer novo golo, pois, Sério ao intervir numa jogada, deixa cair o bola dando origem a novo canto.

Aos 30 minutos, Nunes conduz a bola em jogada pessoal de mérito, passa a Quaresma e êste obtem o 1.<sup>o</sup> tento dos lisboetas com algumas culpas para os defesas algarvios. Até final da 1.<sup>a</sup> parte o Lusitano domina obrigando Feliciano e Serafim a trabalho exaustivo e emocionante.

Até aos 5 minutos do 2.<sup>o</sup> tempo o jogo mantém-se equilibrado, tendo o árbitro deixado passar sem a punição máxima uma entrada irregular de Feliciano que derruba intencionalmente Angelino quando êste se preparava para concluir uma jogada que por certo provocaria alteração no marcador. Aos 6 minutos, na marcação de novo canto por Almeida, proporciona a Madeira, numa entrada oportuna e inteligente, obter o golo que seria o da vitória para o seu clube. Daí por diante, e até final do encontro, os algarvios, numa toada indiscreta de entusiasmo, parecendo inexgotáveis, embora houvessem dispendido energias sem fim, impõem-se conquistando uma vitória justíssima. Madeira, do Lusitano foi o melhor jogador dos 22 em luta; os restantes componentes do Lusitano, pode dizer-se, actuaram todos a nível igual. No Belenenses só Serafim e Feliciano deram um «ar da sua graça»; dos restantes nenhum se salvou. Arbitragem com algumas deficiências mas aceitável.

Gentilhomem

**AOS CÉRCOS E TRINEIRAS****« Pasta Sólida de Corante Taninoso Extra »**

Verdadeira maravilha vegetal, produto cem por cento nacional, próprio para tingir Rêdes de Algodão, muito superior e mais barato que os catos estrangeiros.

Vende: F. M. PAULA FERNANDES, Rua do Pinheiro N.º 22 — OLHÃO

PARA A INDÚSTRIA DE CONSERVAS  
PREFIRAM SEMPRE O AZEITE REFINADO DA REFINARIA S. JOAQUIM

INSTALAÇÃO FABRIL DISPONDO DOS MAQUINISMOS MAIS APERFEIÇADOS PARA A INDÚSTRIA

**UNIÃO INDUSTRIAL, L.ª**

= OLHÃO =

**SOCIEDADE INDUSTRIAL OLHANENSE, L.ª**

**ARMAZEM DE MERCEARIAS**

**CEREAIS AZEITES LEGUMES**

Torrefação e moagem de cafés - Fábrica de licôres e xaropes

Rua 18 de Junho, 87 a 105

Telefone 31

Telegramas: LIZ

= OLHÃO =

**MOBILIAS**

**CASA NOBRE**

**FARO**

# SIMORANJA

Fresca como

Saborosa como

a

o

**N E V E**

**F R U T O**

POSSUI O SEGREDO DO MELHOR PALADAR

**COMPRA**

**PROPRIEDADES**

**VENDE**

**Srs. Proprietários**

A nossa casa encarrega-se da COMPRA E VENDA de Propriedades - Rusticas e Urbanas - Unidades Industriais - Barcos de Pesca e Cabotagem

TEMOS SEMPRE INTERESSADOS PARA TRANSAÇÕES IMEDIATAS

DISPOMOS DE TÉCNICOS PARA AVALIAÇÕES

Não Compre nem Venda a sua Casa sem consultar a nossa

**JOAQUIM C. MARIA**

Telefone 122

Rua da Soledade — OLHÃO

End. Telg. OLEOS

Companhia de Seguros

# OURIQUE

S. A. R. L.

Capital 5.000.000\$00

Seguros em todos os ramos

Agências no Continente

Ilhas Adjacentes e Colónias

Telegramas «SEGOUR»

Av. António Augusto Aguiar, 15-1.º - LISBOA

CARPETES — PASSADEIRAS — TAPETES

Cortinados — Tecidos para Estofos e Decorações

**CASA NOBRE**

= FARO =

**JOSÉ DO NASCIMENTO HORTA**

Soldaduras a Eletrogénio e Oxigénio,  
Preenchimento em corozões de chapas  
de caldeiras forjas, encamizagem de  
Blocos, rectificação de Cilindros de  
:—: todos os tamanhos, etc. :—:

**ORÇAMENTOS GRÁTIS**

# EDITAL

João Simões Quintas Júnior,  
Engenheiro Chefe da 5.<sup>a</sup>  
Circunscrição Industrial.

**FAZ SABER QUE:** João Henrique da Cruz requereu licença para exploração de uma fábrica de conservas de peixe em salmoura, situada na Rua da Marquita, freguesia e concelho de Olhão, distrito de Faro, incluída na 2.<sup>a</sup> classe, com os inconvenientes de emanações nocivas e inquinação das águas, que confronta ao Norte com a Rua da Marquita, ao Sul com a Avenida 5 de Outubro; ao Nascente com a Rua da Fábrica Velha, ao Poente com Pedro José Viegas.

José Guerreiro da Silva Neto requereu licença para exploração de um secadouro de polvo, situado nos Murtais, freguesia de Moncarapacho, concelho de Olhão, distrito de Faro, incluído na 1.<sup>a</sup> classe, com os inconvenientes de emanações nocivas e inquinação das águas, que confronta ao Norte com o requerente, ao Sul com a Estrada Camarária e ao Nascente e Poente com o requerente.

A Produtora Algarvia, Lda. requereu licença para exploração de uma oficina de filetagem e pasto de peixe, com salga privativa, situada em Brancanes, freguesia e concelho de Olhão, distrito de Faro, incluída na 2.<sup>a</sup> classe, com os inconvenientes de emanações nocivas e inquinação das águas, que confronta ao Norte com a Rua de Asilo, ao Sul com a Estrada Nacional, ao Nascente com José Vicente Nunes e ao Poente com a Estrada Municipal de Estoi.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição, com sede no Largo do Terreiro do Bispo (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, Secretaria da 5.<sup>a</sup> Circunscrição Industrial, em 2 de Abril de 1948.

O Engenheiro Chefe

João Simões Quintas Júnior

**JOSÉ DE SOUSA UVA**  
ADVOGADO

Consultas ás segundas e quintas

Rua Capitão João Carlos Mendonça

OLHÃO - Telefone 107

## UM MILHÃO DE QUINTAIS, Pescará em breve a frota Bacalhoeira Portuguesa

A renovação da frota bacalhoeira portuguesa é um facto que ninguém hoje ignora. O aumento do número de navios e sua tonelagem, bem como a modernização do seu equipamento — o que permite maior rendimento de pesca em condições de segurança muito superiores — tem dado uma eficiência notável à capacidade da indústria pesqueira nacional, com as consequentes repercussões na economia do país.

Em 1934 os pesqueiros portugueses trouxeram 152.512 quintais de bacalhau; nenhum dos navios tinha T. S. F., nem frigorífico e só 15, dos 34 lugres que constituíam aquela frota, possuíam motor... Foi neste ano que se deu início à campanha de construções navais e apetrechamento da indústria bacalhoeira portuguesa. Sucessivamente se tem vindo a cumprir um programa de tão vastas proporções que, no próximo verão, a capacidade de pesca da frota bacalhoeira será de um milhão de quintais! No recente lançamento à água de dois navios mo-

tores — o «Condestável» e o «Coimbra», ambos com capacidade para 11.500 quintais de bacalhau e dotados dos mais modernos aperfeiçoamentos — na Gafanha da Nazaré, o Presidente da Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau referiu-se ao auxílio prestado por aquele organismo corporativo na construção de novas unidades de pesca e na criação de condições favoráveis às operações técnicas de preparação e conservação de bacalhau depois de desembarcado, entre as quais toma lugar proeminente a acção dos frigoríficos, um dos quais foi inaugurado no mesmo dia e na mesma localidade. A nova instalação frigorífica tem capacidade para 20.000 quintais de bacalhau, além de dois grandes armazéns não refrigerados com a área de 2.073 m<sup>2</sup>.

E' assim que o problema do bacalhau, um dos mais relevantes da economia nacional, dada a sua importância na alimentação do povo português, vai sendo resolvido pela reorganização da indústria, dentro do vasto plano concebido pelo Governo da Nação.

Noticias de Tavira

Foi encontrado o cadáver do guarda Fiscal Pedro Sengo

Na madrugada do dia 27 de Março, foi encontrado a boiar no rio de Santa Luzia, por um pescador que se dirigia para a sua faina, o cadáver do guarda Fiscal Pedro Sengo que, como a imprensa noticiou, havia desaparecido há alguns dias. Ignora-se o que se teria passado mas tudo leva a crer tratar-se de desastre.

### Sociedade de Pesca Vale Formoso, Lda.

Faz-se público que, pelas escrituras lavradas hoje, respectivamente, a fls. 66 e fls. 67, v.<sup>o</sup> do livro n.<sup>o</sup> 137 das notas do notário Dr. Luiz Augusto da Silva e Sabbo, da Secretaria Notarial de Olhão, Manuel Mendonça Vargues e Manuel Pedro Pereira, cederam à «Sociedade de Pesca Vale Formoso, Lda.» a quota de 5.000,00 que cada um deles tinha na mesma sociedade.

Olhão, 5 de Março de 1948

O Ajudante da Secretaria Notarial  
Joaquim dos Santos Carapeto

**ACORDEON** Vende-se em estado de novo

um Acordeon da melhor marca Italiana (Stradella) em celeloide branco com embutidos de madreperola, 120 baixos de registo, 42 teclas de piano, em marfim.

Tratar com José da Trindade Peres, Horta Peres, 2 — Faro.

### IMPRENSA

«Diário da Manhã»

Completo no dia 4 o seu 18.<sup>o</sup> aniversário o nosso muito estimado colega «Diário da Manhã», a quem saudamos efusivamente desejando-lhe as maiores prosperidades. Ao seu ilustre director, sr. Dr. Manuel Múrias, e a todos os colegas que no «Diário da Manhã» trabalham, apresentamos os mais sinceros cumprimentos.

### Manuel Brito da Luz

AGRADECIMENTO

Maria Bárbara e filhos, genros e nora, vêm publicamente manifestar o seu agradecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhar o seu marido, pai e sogro, até à sua última morada.

**BARCO** Vende-se com 5 metros, feito em taboa inteira corrida, com quilha inteira de pópa á prôa, flutuando em pouca água, próprio para motor ou vela.

Tratar com José da Trindade Peres, Horta Peres, 2 — Faro.

## Carvão Mineral CARDIFF

Pedro Bento d'Azevedo, Suc., L.<sup>da</sup> - Portimão

Depósitos em Portimão e Olhão

Agente Depositário em Olhão:

**João de Sousa e Silva**

(VULGO JOÃO DA QUINTA)

Avenida Combatentes da Grande Guerra

= TELEFONE 186 =

## Srs. Avicultores

Chegaram finalmente ao mercado português as afamadas chocadeiras inglesas **CHAMPION, Hearson's Patent**, que pela sua regularidade e eficiencia satisfazem os mais exigentes e não receiam confrontos.

Temos tambem criadeiras da mesma marca.

Em exposição: Rua do Comércio, 106

AGENTES NO ALGARVE:

**M. Lisboa de Sousa, L.<sup>da</sup>**

Rua do Comércio, 39 — OLHÃO

TELEFONE 172

# CAMPEONATO NACIONAL DA I DIVISÃO

## Lusitano, 2 - Belenenses, 1

### Onze atletas inesgotáveis conquistaram uma vitória justíssima

Muito antes de entrarmos no Campo «Francisco Gomes Sorcorro» já pairava no ar um «aroma» de vitória para os algarvios; fomos dos que opinámos resultado favorável ao Lusitano, embora soubessemos da categoria dos adversários. E' que temos visto actuar o Lusitano em sua «casa» e tê-mo-lo notado capaz de obter os resultados mais inesperados, precisamente porque os seus onze atletas, voluntariosos, enérgicos e dum entusiasmo que comove, nunca se dão por vencidos até ao derradeiro momento do encontro.

E' indiscritível o quadro presenciado no domingo que passou, em Vila Real de Santo António, quer durante o decorrer do desafio, quer depois do árbitro ter executado o apito final! Aparentamos registar o facto, não só porque vem de encontro ao que dissemos na «crónica desportiva» do nosso último número, mas também, e sobretudo, porque os rapazes do clube algarvio parecem ter escutado os nossos conselhos.

Gastaram-se energias a rôdo, num entusiasmo louco, fóra do vulgar, surpreendendo um adversário que se apresentou demasiadamente confiante na vitória e

que, quando pretendeu impôr-se, encontrou pela sua frente um conjunto de homens já vencedores e por isso mesmo intransponíveis.

O entusiasmo que a vitória causou foi tal, que vimos lágrimas de alegria em muitos olhos; desconhecidos que se abraçavam comovidamente, uns de Vila Real, outros de Olhão,—porque a verdade é que os olhanenses que presenciaram o encontro se comoveram e entusiasmaram com o resultado—numa comunhão de sentimentos pelo valor da vitória. Passaram-se também algumas coisas condenáveis, mas,—e isto queremos dizer à Federação Portuguesa de Futebol, muito sinceramente—agora que passou o ambiente de louco entusiasmo em que viveu aquela massa desportiva, irresponsável, talvez, na embriaguez em que viveu por força da alegria e intimamente magoada pelo sem número de

irregularidades cometidas por Vasco, do Belenenses, um jogador que poderia ser um atleta verdadeiro se não usasse e abusasse do físico para molestar constantemente o adversário, temos que reconhecer que se foi muito grave a atitude de um «louco» ao atirar uma pedra a Vasco, sem o atingir, muito mais grave foi a atitude deste jogador ao devolvê-la, com nítida intenção de agredir o público e que ocasionou que de novo se visse no campo uma outra pedra de dimensões assustadoras. E tanto assim é que, no decorrer da segunda parte, tendo Vasco mudado de atitudes aliás só prejudiciais para o seu clube, o público deixou de concentrar nêle as atenções e os apupos deixaram de se ouvir.

Sob a direcção de Inocência Calabote, de E'vora, os grupos alinharam:

*Lusitano:* Izaurindo; David e Caldeira; Mortágua, Madeira e

Branquinho; Almeida, Sabino, Angelino, João Vasques e Luiz Vasques. *Belenenses:* Sério; Vasco e Feliciano; Amaro, Figueiredo e Serafim; Nunes, Quaresma, Teixeira da Silva, Duarte e Narciso.

Jogando a favor do vento, os locais deixam-se dominar nos primeiros 5 minutos do encontro e Caldeira tem mesmo que inter-

(Continua na página 5)

## FUTEBOL

**Botas, brancas ou pretas, Camisolas, Meias, Joelheiras, Coteveleiras, Caneleiras, Pés Elásticos, Calções e TUDO que necessitem para TODOS os Desportos, aos mais baixos preços, encontram-se na**

**Casa Desporto**

**E' na Rua da Madalena, 194-196, em LISBOA**

**TELEFONE 30606**

## Sporting, 3-Olhanense, 2

### 4 minutos e 12 segundos depois

do tempo regulamentar, o Sporting, beneficiado com um livre hipotético, obtém o 3.º golo

### Campeonato Nacional da II Divisão

#### D. de Beja, 1-Portimonense, 2

Em Beja, sob a «regência» de Rogério Paiva, de Lisboa, encontraram-se o Desportivo local e os algarvios de Portimão. Os grupos alinharam: *Portimonense*—Velhinho, Pintado e Vicente; Pimenta, Vitória e Quintas; Catinana, Jesus, Gilberto, Delfim e Paixão. *C. D. Beja*—Mário, Carlos e Passinhas; Apolinário, Carvalho e Bentes; Godinho, Romão, Ramiro, Marques e Sardinha. Os golos dos vencedores foram obtidos aos 3 e 22 minutos do 1.º tempo, respectivamente, por Delfino e Catinana. Aos 32 minutos os locais marcaram o seu 1.º e único tento por intervenção de Apolinário. No segundo tempo, os algarvios jogando contra o vento, souberam inteligentemente defender a sua posição, não sem que deixassem de aparecer, perigosos por vezes, ao ataque. Jogou-se com grande energia e sob tensão nervosa de parte a parte e algumas coisas feias se fizeram. Quasi no final do encontro, o árbitro viu-se forçado a dar ordem de expulsão ao extremo esquerdo alentejano, Sardinha. Vitória aceitável do grupo algarvio em que se distinguiram Velhinho, Vitória e Gilberto. Arbitragem sem erros de maior embora o jogo tenha sido disputado á base de nervosismo e de grande entusiasmo.

O desporto em Portugal vai tornando foros de desmandos inadmissíveis e condenáveis. No futebol, principalmente, as injustiças, as decisões mais em desacôrdo com a verdade, e até mesmo com a honestidade, surgem de todos os cantos e em todos os campos. De quem é a culpa? Donde provém o mal? Sem termos bem a certeza, afigura-se-nos que a responsabilidade cabe nitidamente às entidades encarregadas de nomear os homens que hão-de ser juizes soberanos das suas decisões... mas de acôrdo com o estipulado nas leis dos árbitros! Para além delas, só a má-crença, o espirito parcial, a desonestidade!

Ora, nós não queremos nem podemos convencer-nos de que se nomeiem os árbitros mediante os adversários em luta ou atendendo à adversidade pública do árbitro por determinado clube; mas, senhores, também não podemos de forma alguma compreender que um juiz de campo seja chamado a dirigir o encontro dos mesmos adversários em anos sucessivos, demais quando já um dos contendores haja sofrido as consequências da sua parcialidade filha da má vontade por êsse clube. Não meus senhores, isto não está bem; isto é incompreensível e condenável!

Só há uma forma regular de nomear, de futuro, os juizes de campo: o sorteio público! Doutra forma andaremos para aqui aos trambulhões do infortunio vendo a vida e as glórias dos clubes dependentes das decisões mais facciosas e como tal injustas, de determinados árbitros.

Desta forma, atrevemo-nos a perguntar (e perguntar não ofende!): quem é que deve pôr cêbro aos desmandos dos árbitros? Pois não há também quem impere no que diz respeito aos jogadores, começando pelo próprio árbitro?

Os jogadores do Olhanense saíram domingo do campo «José Alvalade» de lágrimas nos olhos e sob o éco estridente dos aplausos do público que assistiu ao encontro, a que se juntou, numa homenagem justa, a «claque» do Sporting!

Falar do jogo em si não valerá a pena senão para salientarmos a ótima exibição dos algarvios da nossa nobre vila, a forma demasiadamente dura como actuaram os lisboetas, em especial Peyroteo que foi o mais feroz «leão»,

e a péssima actuação do árbitro não só quando invalidou um golo de Carmo, assinalando uma deslocação que não existiu, por ter consentido nalgumas brutalidades cometidas sem repreensão e ainda, e sobretudo... por ter prolongado o desafio até ao momento da vitória dos lisboetas, aos 49 minutos e 12 segundos!

Posto isto, só nos resta confiarmos na honestidade dos dirigentes que sempre têm sabido pôr as coisas no seu devido lugar, e em especial no digníssimo Director da Direcção Geral de Desportos que por certo, se não assistiu ao encontro, teve lá a representá-lo um Delegado seu!

Para finalizarmos, queremos manifestar ao nosso colega «Diário Popular» o nosso descontentamento e o melindre dos desportistas desta vila, pois, se foi o «Diário Popular» quem noticiou pelo telefone o resultado final dêste encontro, em 2-2, deveria ser ainda o «Diário Popular» que deveria esclarecer o público desta terra que confiou na sua notícia e com ela se regozijou.

Repórter Gentil